

## >> PEDRO ARRUDA | 30 de Junho de 2015

Permitam-me que, nesta ocasião especial, quebre o protocolo e comece por cumprimentar a Sra. D. Maria Emília Brederode dos Santos e, na sua pessoa, toda a família do Professor José Medeiros Ferreira e, também, a organização deste encontro de afectos.

Cara Maria Emília

Sua Excelência, Presidente do Governo Regional dos Açores,

Dr. Vasco Cordeiro, Caro Amigo

Caras Amigas e Caros Amigos do Professor José Medeiros Ferreira

Se o Professor Medeiros Ferreira estivesse aqui connosco hoje e contendo-me para não invocar a formulação cristã – ele está no meio de nós – arrisco a dizer que certamente estaria, neste momento, com o seu vasto sorriso e elegância habitual, a comentar as façanhas dos miúdos do Rui Jorge e a vitória derrotada da selecção nacional na final do Europeu de Sub-21.

Teria chegado a esta sala depois de assistir ao jogo num qualquer restaurante de Ponta Delgada, comentando passes, dribles, desmarcações, o timing das substituições, o futuro na carreira desses miúdos. Quando encontrasse um benfiquista, lançaria um lamento pela venda do Bernardo Silva e, aos Sportinguistas, recomendaria cautela com o potencial incendiário da dupla Bruno de Carvalho -/- Jorge Jesus.

Depois, e ainda antes de falar de política, falaria de banhos de mar, da temperatura da água no pesqueiro nesta época do ano, se há ou não águas vivas na praia do corpo santo...

Aqui, entre amigos, o Professor Medeiros Ferreira seria como sempre foi: um amante das coisas boas da vida e um ser humano de uma imensa disponibilidade para os outros, para conversar com os outros. Penso que não haverá traço mais distintivo da sua personalidade, depois da benigna vaidade pessoal, do que essa permanente sede de conversa, de debate de ideias, de argumentar, a favor, contra, baseando sempre o seu discurso na enorme erudição e pautando cada frase, cada ideia, com uma ironia que era só sua.

Aqui, entre camaradas, o Professor Medeiros Ferreira não deixaria de falar de política, a nacional e a europeia, que são cada vez mais uma e a mesma coisa. Criticaria ironicamente uma Europa refém da Finança, esquecida da sua própria história, governada por meros mangas-de-alpaca inspeccionando avidamente balancetes de dívida sem a noção dos povos e do desenho dos mapas. Uma Europa onde, na sua fronteira leste, os novos fascistas Húngaros constroem muros de má memória e os amanuenses de Bruxelas ponderam fazer cair a mais antiga Democracia da História. Se aqui estivesse hoje o Professor Medeiros Ferreira poderíamos certamente ouvir o seu comentário sarcástico à triste sina de um país que tem como primeira figura do Estado um professor de finanças (sempre os professores de finanças) que, sem uma gota de sensibilidade humana, reduz toda uma Nação de 10 milhões de pessoas a um número – um 19, que serão 18, ambicionando talvez ele (o professor de finanças) que sejamos nós o 17...

Que falta nos faz o Professor Medeiros Ferreira e a sua sagacidade política, o seu instinto certo, a capacidade de saber antecipadamente o resultado político de um determinado gesto, de um determinado discurso.

Aos seus camaradas, de cá e de lá, não deixaria de alertar para os riscos da actual situação política, apelando para que não se deixem enredar na discussão pequena, na luta estéril, da espuma dos dias. Apelo a que as ambições dos socialistas, quer para se manter no poder, quer para o alcançar, sejam sempre as de um partido humanista e verdadeiramente, social-democrata. Coisa que os partidos à nossa Direita já deixaram de ser e que importa urgentemente revelar, assim como urge mostrar às novas gerações que nem só de bandeiras fracturantes, agitadas em manifestações ou sorratamente afixadas nos edifícios do Estado, se faz a Esquerda.

Aqui, na sua terra e entre os seus, o Professor Medeiros Ferreira falava das ilhas e da açorianidade, hoje palavra tão em voga. Mas uma açorianidade feita de mundo, feita da ideia de um arquipélago na ponte entre dois sonhos, o sonho europeu e o sonho americano, e da extraordinária potencialidade de sermos essa ponte. Uma açorianidade já não feita de antítese aos mandos e desmandos da República, mas da afirmação segura da importância de um povo que se expressa pela força do próprio Atlântico, tanto aqui, nas nove ilhas, como em Lisboa e na restante Europa – como ainda e parafraseando Pessoa, nesse Ocidente ao Ocidente do Ocidente que é a América. Uma açorianidade até, que pela sua asserção plena, poderá ser a génese da refundação do ideal europeu, já que uma Europa feita de povos e pelos povos terá sempre que começar na identidade de cada um de nós, seja nos estados ou nas regiões.

Nestes dias em que a Europa parece desfalecer sob o manto de uma incompetente, falsa e nefasta unidade monetária, compete a cada democrata, seja no Corvo ou em Creta, dizer que a Europa se faz de pessoas, dos seus espaços e dos seus ideais pois é deles que é feita a História e, sem a História, não somos nada. Terminada a homenagem, feitas as honras, depois de todos os cumprimentos, o Professor Medeiros Ferreira agregaria à sua volta um grupo de amigos, jovens e menos jovens conforme o espírito. De chapéu e andar altivo, desceríamos juntos a rua até às Portas do Mar, sentindo a maresia e o calor do verão, e numa qualquer esplanada deixaríamos a conversa eternizar-se em volta de uma mesa, uma ideia e muitas amizades. Obrigado Professor, pela sua amizade.